

## PORTINARI E AS PROFECIAS DE ISRAEL

Luis S. Krausz\*

**Resumo:** Este artigo trata da viagem que o pintor brasileiro Cândido Portinari empreendeu a Israel em 1956, e da obra pictórica resultante dessa viagem. Trata-se de uma série de desenhos e de telas em que se evidenciam, de um lado, seu encontro com uma natureza que, por meio de seu conhecimento da Bíblia, fazia parte de seu imaginário e, de outro, seu encontro com a realidade da vida dos *kibutzim*, colônias agrícolas coletivas em que se tratava de implementar uma nova sociedade, baseada na justiça, na equidade e no espírito coletivo. Esse sonho era especialmente caro a um artista desde sempre voltado para as injustiças e a espoliação inerentes às sociedades modernas, e afinado com o ideário expresso pelos profetas de Israel, que faz parte da Bíblia Hebraica.

**Palavras-chave:** Sionismo político, socialismo, *kibutz*, profecia, artes plásticas

**Abstract:** This article discusses a trip the Brazilian painter Cândido Portinari made to Israel in 1956, and the paintings he made there. In this series of drawings and canvases his fascination with the land and its people are quite evident. Portinari had a mental image of the Holy Land's nature because he was, from childhood, very familiar with Biblical narratives, and what he saw there resounded deeply in his memory. On the other hand, his meeting with life in the thriving *kibbutzim* made a deep impression on him, since it reflected an attempt to build a new kind of human society, based on solidarity, justice and collective spirit – a dream especially dear to an artist deeply concerned with injustice and exploitation in the modern world, and attuned to the ideas of the prophets of Israel.

**Key words:** Political Zionism, socialism, *kibutz*, prophecy, fine arts

Cândido Portinari tornou-se uma referência central na história das artes plásticas brasileiras do século 20, por sua pintura de temática preponderantemente social, e por seu empenho em expor as chagas de uma sociedade estigmatizada pela injustiça, pela desigualdade, pela opressão e por uma miséria que chega às raias da perversidade. Suas representações pungentes de retirantes, de camponeses destituídos, de seres humanos derrotados em sua luta pela preservação da dignidade, quando

---

\* Luis S. Krausz é mestre em Letras Clássicas pela University of Pennsylvania, pós-graduado pela Universidade de Zurique e doutor em Literatura e Cultura Judaica pela USP. É pós-doutorando e bolsista da FAPESP em Literatura e Cultura Judaica, autor de *As Musas: Poesia e Divindade na Grécia Arcaica* (EDUSP, 2007) de *Rituais Crepusculares: Joseph Roth e a Nostalgia austro-judaica* (EDUSP, 2008).

não da própria vida, dão testemunho da indignação e da revolta de um homem ante a indiferença ao sofrimento alheio que cimenta, como uma doença crônica, as relações entre as pessoas, há séculos – no Brasil como em outras partes do mundo. São, também, um chamado, um grito, que pretende despertar da letargia quem as contempla, um clamor cujo eco incômodo se faz sentir por muito tempo, e que, uma vez avistadas, permanecem coladas às nossas retinas por décadas.

Se é verdadeiro o ditado latino que diz *nomen est omen*, a empatia e o sentimento de solidariedade humana são a força maior a dirigir o olhar límpido e empático desse homem chamado Cândido, descendente de lavradores italianos, nascido em Brodósqui, no interior paulista, desde cedo conhecedor do horror da miséria, das crianças desnutridas, do sofrimento desnecessário.

O ministro israelense da cultura Arie Aroch comparou, em texto de 1956, os artistas brasileiros de meados do século passado, com sua temática social recorrente e sua luta pela adoção de parâmetros éticos, dentre os quais figura Portinari, aos profetas da Israel dos tempos bíblicos. Também eles lançavam apelos às vezes desesperados, gritos enfiados contra as injustiças que eram moeda corrente em seu tempo, como o foram no tempo de Portinari, e como não deixam de ser em nossos dias. E a Bíblia, como se sabe, foi desde cedo companheira e mestra de Portinari: em sua infância, em Brodósqui, seu pai, católico, costumava ler trechos das Sagradas Escrituras, escutados com devoção pela família reunida em torno da mesa de jantar.

Naquele mesmo ano, Portinari foi convidado a fazer uma viagem ao então recém-criado Estado Judeu, por ocasião de uma exposição de suas obras, organizada pelo Centro Cultural Brasil-Israel, e exibida nos museus de arte de Tel Aviv e Haifa, bem como na colônia de artistas de En-Hod. Acompanhado de sua mulher, Maria, e de seu filho João Cândido, o artista passou mais de um mês no país.

Portinari desejava conhecer de perto a realidade de um país que, àquela época, lutava pela implantação de uma sociedade humana mais justa e mais equilibrada, livre das distorções e da violência que caracterizam as sociedades capitalistas. A vertente socialista do sionismo, surgida na Europa das primeiras décadas do século 20, influenciara de forma determinante os grandes líderes do partido trabalhista – como Ben Gurion e Golda Meir – que governavam o ainda jovem Estado Judeu desde a sua fundação, em 1948. Tratava-se de conciliar o legado bíblico – e em particular o legado dos profetas, com suas recorrentes invectivas contra a injustiça social – com a teoria e a *praxis* de uma política moderna, voltada para a implementação de um Estado laico, que não vetava a iniciativa nem a propriedade privadas, mas limitava, de maneira rigorosa, as desigualdades sociais, mirando um equilíbrio de longo prazo e a construção de uma sociedade que pudesse servir de exemplo para o mundo, e de alternativa ao panorama desolador de um pós-guerra marcado pela tensão entre as duas potências, EUA e URSS.

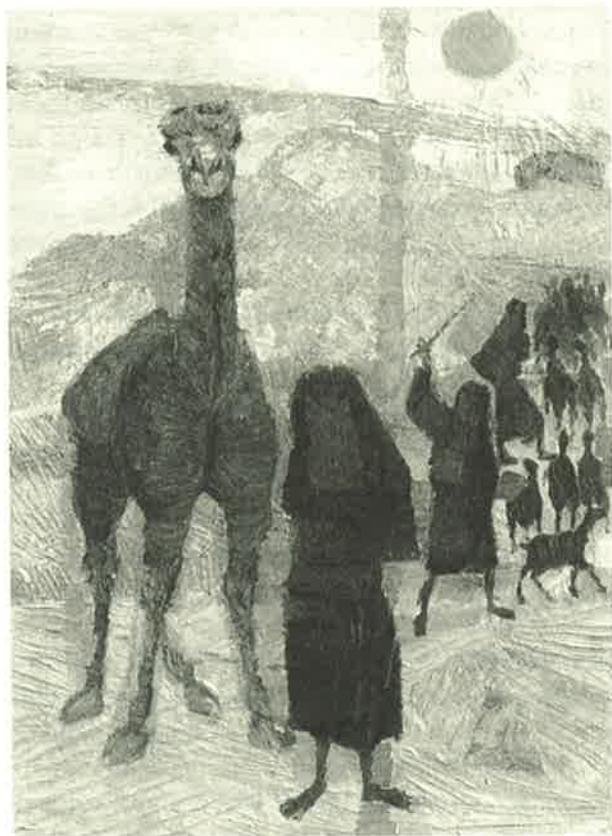
Evidentemente o palco de eleição para pôr em prática estas idéias, que fundiam os ideais proféticos com a teoria marxista, eram as colônias agrícolas coletivas – os *kibutzim*. Ali vivia-se não só o sonho do retorno do povo judeu à terra de seus ancestrais, depois de milênios de exílio, mas também um sonho de igualdade de todos os homens, que fermentara à sombra das brutais contradições sociais que acompanharam a industrialização da Europa, bem como o surgimento de um proletariado judaico já nas últimas décadas do século 19.

Era, um momento único em que os *kibutzim* floresciam de norte a sul, no país, e atraíam migrantes e sobreviventes de todas as partes do mundo, comprometidos com o ideal de construção de uma nova realidade social. E este movimento atraía a simpatia do mundo inteiro: voluntários, sobretudo vindos de países europeus, e de todas as religiões e nacionalidades, desiludidos com a corrupção das sociedades em que viviam, acorriam a Israel para conhecer de perto o que era visto como uma nova forma de organização social, uma alternativa para a construção de uma sociedade mais justa e mais humana. Idealmente, os *kibutzim* contemplavam a sede de equidade e de fim do egoísmo que maculava as sociedades desde sempre. De um ponto de vista estritamente judaico, este sonho de harmonia coletiva propunha a recriação do ser humano por meio do triunfo de um espírito comunitário, ao qual se atribuía um valor messiânico e redentor. Era, portanto, um momento de culminação do idealismo dos cidadãos de um jovem país construído sobre as ruínas do genocídio, os quais desejavam dar fim a seu exílio sem implantar, na terra prometida de sua liberdade, as distorções características de suas sociedades de origem.

Evidentemente Portinari não permaneceria indiferente a este sonho. Dada sua origem camponesa, sua ligação com a tradição bíblica, e sua sensibilidade às questões sociais, não surpreende que ele se sentisse especialmente atraído e interessado pela realidade que se tratava de construir nesses *kibutzim*, onde se pretendia, por meio de um socialismo autêntico, atomizado, democrático e solidário, romper com as cadeias de opressão e de tirania, das quais o século 20 foi tão pródigo.

A Israel que Portinari conheceu quando dessa visita era, portanto, a Israel dos pioneiros, movidos pelo ideal de ressurreição nacional tanto quanto pelo sonho de criação de uma nova sociedade, de uma sociedade melhor, onde não haveria lugar para a exploração, o abuso e a desigualdade. Mas seu encontro, ali, com uma paisagem que, de alguma forma, já conhecia por meio da Bíblia foi inesperado. A natureza severa, a vegetação austera, a vista dos cenários onde transcorreram tantos episódios centrais da Bíblia Hebraica e do Novo Testamento evidentemente despertariam, nele, a necessidade de uma expressão artística. E os desenhos e pinturas que Portinari criou a partir dessa sua viagem encontram paralelo em passagens da tradição bíblica e dão testemunho de um feliz encontro entre a memória emocional do artista e seu contato com uma terra e com um povo

num momento em que se tratava, sobretudo, de dar atualidade a uma tradição ética e espiritual antiga e profundamente arraigada (Fig. 1).



Em Israel, assim, Portinari encontrou uma confluência entre seus ideais e aspirações socialistas e suas memórias emocionais, associadas ao imaginário bíblico, que tiveram um papel central em sua formação humana e artística. Falando a Antônio Bento de Araújo Lima (1902-1988), crítico que acompanhou de perto sua trajetória, Portinari disse: “Parece incrível, mas foi como se eu tivesse voltado aos tempos bíblicos. Os pastores de ovelhas eram os mesmos da época de Cristo. Havia ainda o ambiente dos tempos dos milagres de Jesus.” Efetivamente, parecia haver algo de milagroso, ou pelo menos de heróico, na luta daqueles pioneiros, provenientes de todas as partes do mundo e de todos os estratos sociais, contra as adversidades do clima e da terra seca, para arrancar da terra a seiva e a nova vida.

Ao mesmo tempo em que contemplou o sonho de reconstrução nacional, no campo, Portinari voltou seu olhar para a devoção religiosa e escolástica de judeus tradicionalistas (fig.2) que se reuniam em casas de estudos e de orações, exatamente da mesma maneira como o faziam seus ancestrais, e, debruçados sobre as Escrituras Sagradas e o Talmude, percorriam labirintos de comentários, leis, fábulas e parábolas, mergulhando nas intrincadas filigranas dos caminhos de Deus e da verdade em busca de respostas para os dilemas e as perplexidades da vida e da morte. O artista disse também: “Fiquei comovido com as crianças de profundos olhos tristes de Mea Shearim, e as que chegavam com os novos imigrantes, vindos de campos de refugiados na Europa”. Parece que, para ele, esses senhores, mergulhados de corpo e alma em seus estudos, representavam, também, a tenacidade de um modo de vida especificamente judaico, desenvolvido em terras distantes e ao longo de muitos séculos, cuja continuidade fazia parte da realidade de Israel tanto quanto a paisagem bíblica e o idealismo *kibutziano*.





Portinari parece permanecer imune às contradições, hoje muito agravadas, entre o setor secular e o religioso da sociedade. Efetivamente, naquele momento, ainda marcado pela fragilidade nacional e pela ameaça constante de destruição, essas fissuras no tecido da nação ainda não haviam se tornado mais importantes do que o sentimento de unidade popular.

Do caderno de anotações e de esboços que Portinari trouxe consigo dessa viagem, assim, surgiram pinturas rurais e urbanas, expostas posteriormente em

Bolonha, Lima, Buenos Aires e Rio de Janeiro. Estes seus trabalhos são também, de alguma forma, ilustrações do mais universal dos livros e da trajetória do povo que o criou. São imagens que possuem uma potência bíblica, como de resto os retratos de retirantes e destituídos que o celebrizaram. E são, vistos em retrospecto, registros preciosos de um momento único na história do Estado de Israel.

## **Bibliografia**

BENTO, Antônio. *Portinari*. Rio de Janeiro, Leo Christiano Editorial, 2003

HALPERN, Ben e REINHARZ, Jehuda. *Zionism and the Creation of a New Society*, Oxford, Oxford University Press, 1988

PORTINARI, Cândido. *Israel - Disegni di Candido Portinari* (com textos críticos de Arie Aroch e Eugênio Luraghi) Nova York, Harry N. Abrams Publishers e Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1957